

## Abdias do Nascimento e o Teatro Negro:

fórmula de democratização étnico-social da sociedade brasileira

*Rosângela Fonseca do Nascimento*<sup>1</sup>

*Manoel Santos Mota*<sup>2</sup>

SEMOG, Éle, NASCIMENTO, Abdias.

*Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

### Resumo

O texto se constitui numa revisitação ao livro “Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas”. Neste processo, apresentamos o Teatro Negro, mais conhecido nacionalmente como TEN, que se demonstrou como importante meio e instrumento de, nessa ordem, discussão e reflexão acerca da temática étnico-racial na sociedade brasileira. Para tanto, elencamos e analisamos trechos-chave da obra, a fim de que se consiga fazer ver sua importância e atualidade.

**Palavras-chave:** *Democracia Étnico-racial; Relações Sociais; Teatro.*

Hoje, mais do que nunca, compreendo que nasci exilado de país  
que também nasceram no exílio, descendentes de gente africana  
trazida à força  
para as Américas.

Abdias do Nascimento (2006)

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Leitura e Produção Textual pela Faculdade do Sul – FACSUL/UNIME, e graduada em Letras Vernáculas pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia – DCHT –, Campus XVIII (Eunápolis), da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em História pelo Departamento de Ciências Humanas e Tecnologia – DCHT –, Campus XVIII (Eunápolis), da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Um dos grandes expoentes da luta contra o racismo e a marginalização das populações afro-brasileiras, Abdias do Nascimento, foi um dos fundadores da Frente Negra Brasileira, criou o Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944; artista plástico, se dedicou a representar em seus quadros as religiões de matriz africana. Foi ainda Secretário de Defesa e Promoção das Populações Afro-Brasileiras do Rio de Janeiro, deputado federal e senador da República. É autor de diversos livros, entre eles, *Sortilégio*, *Dramas para negros e prólogo para brancos*, *O negro revoltado*, além do que ora apresentamos, “Abdias do Nascimento: o griot<sup>3</sup> e as muralhas”, entre outros. Também foi congratulado como Professor Benemérito da Universidade do Estado de Nova York e doutor Honoris Causa pelo Estado do Rio de Janeiro.

Deste modo, a obra “Abdias do Nascimento: o griot e as muralhas” conta a trajetória de vida e luta desse incansável militante das causas negras. Para Éle Semog (2006), co-autor do livro, a postura de Abdias atravessa a história recente, de forma contínua, contagiando outros negros a combater o racismo velado existente em nosso país. Neste sentido, pode-se dizer que a história política e a reflexão proporcionada por Abdias do Nascimento se inserem no patrimônio político cultural diaspórico, repleto de contribuições para a compreensão e a superação dos fatores que vêm, historicamente, subjugando os povos africanos.

É esta a história que se conta neste relato autobiográfico do “negro-vida” (diz-se daquele que milita a favor de um discurso anti-racista) Abdias do Nascimento. A história-texto foi organizada por Éle Semog, poeta e contista, diretor de diversas organizações do movimento negro.

Já na apresentação Nei Lopes, militante pelos direitos civis do povo negro e autor de vários livros, tais como, *Bantos*; *Malês e Identidade Negra*; *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical*; *Sambeabá*, entre outros, diz que Abdias é o primeiro negro a mostrar à comunidade internacional o retrato da realidade racial brasileira sem retoques, fundada no mito da democracia racial, que sabemos, disseminada por Gilberto Freire (Cf. *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire). Ele também declara que Abdias nunca conheceu “o seu lugar”, ou seja, não aceitou aquele espaço historicamente reservado ao negro – os guetos sociais, a marginalidade, o papel subalterno.

---

<sup>3</sup> Nas culturas mandês da África Ocidental (Senegal, Guiné e países próximos), *griot* é o contador de histórias (“artesão das palavras”) que preserva e transmite a sabedoria e a história do povo. Ressaltemos ainda que, a palavra *griot* é francesa; o termo nas línguas locais é *djeli* ou *djali*. (Cf. NASCIMENTO, 2006: 63).

No primeiro capítulo, intitulado “Introdução a um país muito esquisito”, Éle Semog explica como surgiu a obra. Nos conta que em fevereiro de 1997, o Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (Ceap), organização da qual Semog era presidente, convidou o professor para compor a mesa de abertura do seminário “Primeiro Diálogo Interétnico de Direitos Humanos e Cidadania”. Nesse período, começaram a conversar com mais frequência, Abdias lhe contava histórias pitorescas e diversas experiências de sua militância perseverante, tudo regado a muita informalidade, os casos fluíam com riquezas de detalhes. Foi então que Semog, como bom escritor que era, logo vislumbrou uma seqüência de contos, mas era pouco, ele queria uma biografia, do que Abdias discordou: “Não me fale em biografia. Já tenho dois biógrafos”. Desta maneira, esses relatos somados às outras fontes pesquisadas por Sémog, confluíram no processo que gerou o livro que nos serve como referência.

Seqüencialmente, o segundo capítulo, “A cartilha de tudo”, dá conta da história familiar e da infância de Abdias. Aqui, ele discorre sobre a sua infância em Franca, interior do Estado de São Paulo: nasceu em 1914, numa família grande, teve seis irmãos. É emocionante sua fala a respeito da mãe, mulher afetuosa e determinada; era doceira, cozinheira e ama de leite de filhos de fazendeiros de café, ela sempre o incentivou a estudar. Seu pai, sapateiro e católico praticante gostava de participar das folias de reis, pensava o contrário de sua esposa, dizia que negro não precisava estudar muito, só aprender a assinar o nome. Entretanto, Abdias desde cedo sabia da importância dos estudos e com 13 anos de idade, já ensinava o primário e atuava como guarda livros em fazendas e sítios da vizinhança.

E, nesse sentido, um fato ocorrido em sua meninice contribuiu para o despertar de sua consciência com relação à situação do negro na sociedade brasileira:

Havia um garoto preto e órfão, meu colega de escola, mais pobre do que nós éramos. Certa feita, uma vizinha branca se encontrava dando uma surra no menino (nem me lembro por que); isto se passava na rua, defronte de nossa casa. Minha mãe, sempre tão doce e calma, encheu-se de fúria inesperada, correu em defesa do moleque. Esta cena marcou o começo da minha consciência sobre a realidade da situação do negro no Brasil. Aquela atitude de minha mãe foi, de fato, uma lição formidável que jamais esquecerei (NASCIMENTO, 2006: 51).

Podemos dizer que esta cena determinaria, desde muito cedo a luta que Abdias iria travar durante toda a sua vida contra o preconceito racial e as injustiças enfrentadas pelo povo negro.

No capítulo “Aprendendo os caminhos” há uma discussão sobre o engajamento de Abdias na Frente Negra aos 18 anos e depois no movimento integralista. No que diz respeito a este último, foi muito criticado pelos militantes da Frente Negra, bem como, por outros setores sociais; puseram em xeque sua legitimidade como sujeito político empenhado na luta das causas dos afro-descendentes. Acontece que acreditavam que o movimento integralista apresentava idéias fascistas e discriminatórias. Mais tarde, Abdias se decepciona com a filosofia do movimento, pois descobriu que apresentava conceitos de segregação e repúdio às aspirações do negro e à cultura africana, de maneira geral.

Ainda neste capítulo, veremos a história da chegada de Abdias em 1936 ao Rio de Janeiro, onde tem seus primeiros contatos com as religiões africanas. Esse contato vai influenciar profundamente sua vida e obra. Ele passa a frequentar terreiros, inclusive o candomblé do famoso pai de santo da época, Joãozinho da Goméia, tornando-se mais tarde “iniciado” no candomblé.

No que diz respeito a sua obra, Abdias também começa a pintar quadros que representam Orixás, divindades africanas cultuadas nos rituais; sua pintura interpreta simbologias de diversos contextos africanos. Foi também neste período que conheceu o poeta e ativista das causas negras, Solano Trindade que se tornaria seu grande parceiro e amigo, os dois costumavam frequentar os terreiros juntos. Abdias afirma que essas relações e amizades o permitiram ir cada vez mais fundo na construção de uma consciência da sua dimensão africana, que ele já estava quase perdendo.

Prosseguindo... No capítulo as “Orquídeas não vivem presas”, o tenaz combatente vai nos contar de sua experiência com a Santa Hermandad Orquídea – grupo de artistas argentinos. Abdias fez uma viagem pela América do Sul, acompanhando o grupo que foi formado no Rio de Janeiro, no final da década de 1930. Composto por artistas e poetas: Gerardo Mello Mourão, Napoleão Lopes Filho, Abdias do Nascimento (brasileiros) e Godofredo Iommi, Raul Young e Efrain Tomás Bó (argentinos).

O grupo Hermandad considerava a poesia como sua mais importante causa, Abdias diz que os integrantes não queriam fazer nada além de poesia, queriam assumir uma posição parasitária dentro da sociedade, irmanados no que julgavam ser um estado de espírito, uma forma de protesto, a cultura daquela época.

Consta também deste período a criação do Teatro Experimental do Negro – TEN. Conta-nos Abdias que ao fazer uma viagem a Lima, capital do Peru assistiu a uma peça teatral, O Imperador Jones, em que havia um ator branco tingido de preto. O ator encenava

o papel principal. Indignado de ver um ator branco “caiado” de negro, decidiu ali mesmo que, ao voltar ao Brasil criaria um teatro com base no protagonismo do negro e ao resgate dos valores da cultura negro-africana, negados pela sociedade da época. Foi deste sentimento de indignação que Abdias deu início a sua experiência no TEN.

O capítulo intitulado “Quando a cor escapa da Coxia” conta exatamente a história da fundação do TEN: em 1943, de volta ao Brasil, Abdias é preso e ainda na prisão cria o teatro do sentenciado o que se tornou sua primeira experiência, que mais tarde iria dar no TEN. Conta-nos ainda que, sai da prisão mais maduro no sentido de perceber a imensa e silenciosa ausência do negro no Teatro brasileiro, assim se junta a outros intelectuais, como Aguinaldo de Oliveira de Camargo, o pintor Wilson Tibério, Teodorico dos Santos, José Herbel e Claudiano Filho, e finalmente, em 1944, no Rio de Janeiro, é criado o Teatro Experimental do Negro (NASCIMENTO, 2006: 119).

Portanto, os temas do TEN valorizavam a cultura e a religião afro-brasileira, questionavam também a desvalorização da mulher negra; com essa perspectiva de luta social e artística o TEN mudou a cara do teatro nacional e passou a influenciar valores estéticos e culturais, antes nunca valorizados na dramaturgia brasileira.

No capítulo “Mais que fazer, mudar” fica evidente que o TEN desde o primeiro espetáculo se firmou com uma experiência pioneira: os idealizadores do TEN iniciaram ações que extrapolavam a função teatral, criaram novos modelos para aquela massa de negros e negras. Como exemplo, temos as aulas de alfabetização em que o professor Ironildes Rodrigues ensinava os atores e os outros envolvidos a ler. Um dado importante que vale aqui registrar é que aulas de alfabetização eram feitas com a leitura de textos teatrais que depois passaram a ser encenados.

Portanto, não resta dúvida de que o TEN significou um processo fundamental para a construção valorativa da identidade negra, não só elevando o estado psicológico do negro brasileiro, como também o concebendo como protagonista de sua própria história.

No “Um negro ingrato no exílio” o professor Abdias discute o golpe de 64 e a instauração da ditadura militar no Brasil. Ele reflete o fato de a ditadura não ter acontecido por meias palavras ou meios motivos. Para ele, o importante apoio do capital internacional derrubou de uma só vez tudo que havia de democracia no país, o que nos legou uma das mais perversas sociedades do mundo.

Para o contexto da época Abdias representava uma ameaça, pois quaisquer idéias estranhas às normas da ditadura, principalmente as que ousassem questionar o equilíbrio

das relações sociais, proporcionados pela questão da “democracia racial” eram consideradas perigosas. Assim, o cerco ao professor Abdias começou a se fechar, além de ter criado o TEN, era filiado ao PTB e já havia participado de vários manifestos pela igualdade racial. Nesse momento, temendo represálias, parte para o exílio em Nova Iorque.

Ainda neste capítulo, há uma discussão sobre sua proposta política para a nação brasileira, denominada *quilombismo*: um estado voltado para a convivência igualitária entre grupos étnicos, respeitando as diversas identidades, bem como, a pluralidade de matrizes culturais. De volta ao Brasil continua sua luta, agora pela via institucional – assume cargo no senado –, faz duras críticas ao racismo velado existente na sociedade brasileira.

Finalmente, no capítulo “À guisa de uma carta de amor” o livro traz um depoimento de sua companheira Elisa Larkin, co-fundadora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-brasileiros – IPEAFRO, além de discutir a importância da figura de Abdias para o cenário artístico e de militância negra é também uma declaração de amor, Eliza diz que ficou encantada com Abdias, pois sua militância parecia brotar de um amor profundo por seus semelhantes. Exemplificando o que dissemos, ressaltamos: “no sentido afetivo Abdias é antítese do macho machista, isso me encantou de cara de forma profunda” (Larkin, 2006: 229).

A carta de Eliza vai além de um relato de uma mulher apaixonada por um homem, é o relato de amor à causa desse homem, que aos 94 anos representa a memória viva da luta contra a injustiça secular cometida contra a comunidade afro-brasileira.

Por tudo isso, acreditamos que esta obra se faz essencial a estudantes, professores e pesquisadores das áreas de História, Antropologia, Filosofia e Sociologia, bem como a todos os pesquisadores e militantes das temáticas negras. Não podemos olvidar, contudo que, as discussões propostas por Abdias e Éle Semog encontram-se perfeitamente consonantes às discussões trazidas pela lei 11.645/08, que obriga a inclusão e o conhecimento da História e da Cultura Afro-Brasileira e Indígena no currículo oficial da rede de ensino. Fica assim registrada a história desse nobre combatente como legado para as novas gerações de afro-descendentes deste país.